

busca de férias, com seus carros "entupidos de crianças, barracas e enlatados, com shorts anti-quados, sandálias de plástico", Drakulic retrata as contradições, as legadas e as novas, que o fim do socialismo real trouxe para as mulheres do Leste.

Entrevistando profissionais de distintas áreas e donas-de-casa, Drakulic descreve um cotidiano difícil e, por vezes, desalentador para essas mulheres. É comum no discurso da maioria a sobrecarga da dupla jornada, uma vez que se alcançou uma elevadíssima taxa de atividade (em torno de 90%) da população feminina – "as mulheres passaram a trabalhar como homens" – sem que houvesse ganhos reais na divisão sexual do trabalho doméstico e na modernização desses serviços nos níveis familiar e individual. É igualmente comum a constatação da existência de fortes desigualdades salariais e nas oportunidades de emprego e qualificação.

Hoje, o aborto, enquanto prática legal, vem sendo contestado e ameaçado pelas novas alianças políticas que passam a legitimar e consolidar os processos nacionais de democratização. Isso toma dimensões inquietantes em países como a Polônia, onde a nova proposta de lei defende a interdição total do aborto, com punição de três anos de reclusão para a mulher e o médico. O mesmo ocorre na Croácia (Iugoslávia), onde questões étnicas, de fundo nacionalista, passam a contestar o direito ao aborto, valorizando, ao contrário, a maternidade: cada mulher croata, em idade de procriar, deve ter no mínimo três filhos, sendo cinco o ideal.

Na Bulgária, por exemplo, onde prevalece uma combinação de socialismo e orientalismo,

o adultério é tolerado para os homens, mas não vale para as mulheres. Na Hungria, o homossexualismo ainda é ilegal e objeto de penalização.

Para as mulheres da antiga RDA, a unificação, no entanto, parece contestar certos direitos adquiridos, entre eles o do aborto livre e condições relativamente estáveis de reprodução, via subvenções públicas, como auxílio moradia, creches, custo de vida baixo. Como 30% das crianças nascem de mães solteiras, que trabalham 48 horas por semana e recebem salários modestos, a economia de mercado torna-se ameaçadora. Tais mudanças têm levado à renovação do movimento feminista, que na própria RDA passa a questionar o princípio de produtividade, identificado como masculino.

Essas mudanças têm revelado, assim, uma pseudo-emancipação feminina, propiciando a emergência de novas formas de organização autônoma das mulheres. Associações são criadas (Associação Independente de Mulheres e Lila Offensive, na RDA; a Associação Feminista Polonesa; a Aliança Independente de Mulheres, na Iugoslávia), manifestos publicados (Declaração Feminista Húngara) e revistas lançadas, embora em países como a Bulgária e a Romênia a mobilização das mulheres ainda não tenha levado ao surgimento de espaços autônomos de organização e intervenção política.

Impressões é publicada pela editora Mulher Inteligente, que, como o nome indica, tem tudo para continuar dando certo. A editoria está nas mãos de Danda Prado, Angela Arruda e Maria José de Lima.

LENA LAVINAS ■

O mistério feminino do segredo

O segredo feminino do mistério (ensaios de teologia na ótica da mulher)

BINGEMER, Maria Clara

Petrópolis: Vozes, 1991

Ler Maria Clara Bingemer, uma mulher que se escolheu teóloga, foi um privilégio. Em primeiro lugar, pela vigorosa leitura que ela me pro-

porcionou das Escrituras Sagradas, particularmente dos Evangelhos, dos quais emergem figuras femininas até então praticamente apagadas aos meus olhos. Entre essas figuras e Maria Clara: a escrita. Entre Maria Clara autora e eu leitora, novamente a escrita.

Confesso que entrei vagarosamente no aconchego dessa teologia fêmea, que não se restringe a este aspecto, mas o instaura e o afirma até para se ultrapassar. E me espantei. Com o quê? Com o "sacro ofício da recriação do verbo". Em todos os textos que tecem o livro,

a alegria evangélica que não perde o fio do desejo. O grande, imenso desejo de que haja um verbo feminino, gerador de novos espaços, de mares nunca dantes navegados (navegar é preciso, viver não é preciso). De um verbo criador do tempo em que a voz se solta e a palavra feminina se acende.

Além do espanto, a comoção. Este é o segundo motivo pelo qual me sinto privilegiada com a leitura de O segredo feminino do mistério. Comoção diante da *solidariedade, solidariedade* de presente nos ecos de um desejo que em mim pressinto: o desejo do mistério. Mistério no qual o masculino se torna feminino através de um refinado trabalho com os textos, da luta contra suas aparências ou ranhuras, contra seus oblíquos desvios, desvios que escaparam aos homens que os escreveram no gesto mesmo de construí-los. Nesse movimento, a autora me fez delicada companhia, não como instrumento de saber, mas como incenso que perfuma e cria uma atmosfera. Uma atmosfera de escuta da palavra, ato primeiro, como ela diz, da evangelização.

Maria Clara: tentei ouvi-la. Tentei ouvi-la em todos os instantes na voz de outras mulheres que modularam a sua voz, segundo o seu desejo de verdade, ou a verdade do seu desejo, como queira. Acompanhei Maria. Acompanhei a samaritana, a cananéia, a hemorroíssa. Acompanhei Maria Madalena, Marta de Betânia, Júnia, as filhas do evangelista Felipe, Lídia. Acompanhei também Maria José da Rocinha e todas as outras mulheres iluminadas que, num trabalho árduo e anônimo, constroem cotidianamente o Reino, como você diz. O que ouvi?

Ouvi a música que espargiu dos espaços restritos do feminino. Imaginei uma explosão de lamentos, gritos e queixumes se ampliando pelas frestas abertas de uma ordem rígida e cristalizada. Fui envolvida, no entanto, por fios sonoros que me alertaram para o sentido novo da consciência de uma velha opressão, que agora se expande em gozo de Anunciação. Ouvi (vendo) a encruzilhada que você desenha com seu corpo e seu espírito entre o texto, o ofício religioso e o ofício de ser e estar mulher num mundo construído pelo discurso masculino. Talvez como espelho da sua voz, repito aqui os trechos de uma poesia da mineira Sonia Queiroz, onde ela diz:

e eis-me empenhada
em sacro ofício
este meu corpo
e o meu sangue

tomei
e comi e bebei

e seja feita a vossa vontade
a festa

tomei
e gastei só em mim
de todas as vossas virgens toda
a culpa

e eis-me empenhada
em sacrilégio
este o meu soldo
e o meu saldo

Em Sônia, como em Maria Clara, a cosmogonia de uma nova mulher, subversora dos ritos, dona do seu verbo, menos amordaçada, irresistível no seu ofício de renascer. Teria limites esse renascimento? Que bom seria, se não tivesse!

Será que essa pitada de melancolia aborrece? Gostaria de falar sobre essa quase ducha de água fria depois de enfunar as velas na direção das delícias do feminino como encarnação da gratuidade, da esperança, da tenacidade, da resistência, da ousadia, da luz, da criação, do desejo. Como querem alguns, aos pulos, os sapos saem da penumbra. A que sapos me refiro? Por que abandonar as velas se enfunando aos ventos e preferir os sapos enfunando papos?

Sem qualquer desdouro aos sapos, é neles que fui buscar apoio para construir a imagem do que consigo perceber como a ameaça mais empedernida e rebelde da opressão no feminino e do feminino. Como essa rebelde mulher, oprimida sim, mas repressora também, foi sendo construída durante séculos?

Essa construção, diria, teve duas bases de apoio: a religião e a educação. Não é por acaso que, especialmente levando em conta a questão do gênero, ocorra um silencioso e sutil movimento de deslizamento de questões e concepções do campo religioso para o campo estritamente pedagógico. Quem de nós não ouviu falar que 'sem educação não há salvação?' Quem de nós não se empanturrou com as prescrições de como ser ou não ser um bom professor, através de toda tipologia de atitudes que se insinuaram nas nossas práticas, nas nossas cabeças e nos nossos corações? Quem de nós não ouviu falar da missão de ensinar a ensinar? Quem de nós não falou a si mesmo sobre o amor, o entusiasmo, a fé, o apostolado, a perfeição pedagógica? Ainda hoje, como avalia Eliane Lopes, continua-se a ensinar a ser. Valaria a pena retomar as suas perguntas e fazê-las nossas: "Será que ninguém aprende mesmo depois de tantos séculos, de tantas vezes repetido? Por quê?"

Sem dúvida existe um *ethos* pedagógico religioso e feminino escandalosamente autoritário e ressentido. Mas ele, felizmente, está impregnado de conflitos e lutas. Esse *ethos* não pode ser deixado de lado pela História da Educação (nem pela Teologia). Em ambas, a palavra é necessária. Como lidar com ela? Como escapar das repetições de modelos autoritários que nos iludem, que desgastam a carnalidade das concepções e dos valores mais generosos, que driblam nossos anseios mais profundos de renovação? Essa questão me inquietava como profissional da educação e, agora, como leitora de Maria Clara. Gostaria de ouvi-la a esse respeito. Por esse motivo, repito a indagação em outros termos.

Como escapar da postura autoritária que pode estar presente debaixo de palavras aparentemente altruístas, que imobilizam ou retardam nosso desejo de mudança? Ou ainda: como não cair na armadilha do feminino enquanto visão idealizada que encobre o que há de mais conservador na elaboração do ser mulher?

A leitura do texto de Maria Clara também me provocou a indagação, talvez um tanto herética, sobre a possibilidade de construção dos objetos do desejo. Não seria, a rigor, essa construção impossível? Teria o desejo um porto definitivo?

Com estas questões talvez eu esteja, de um modo até pouco pertinente, admitindo que a minha capacidade de ouvir o texto de Maria Clara tem limites e exige maior apuramento. Toquei num ponto nevrálgico para a autora, assim parece, no que diz respeito à elaboração teológica feminina: a experiência mística ou, em outras palavras, 'a união profunda com o mistério'. Essa união que gera e fortalece a fé, entendida como 'conhecimento verdadeiro', luz que comporta sombras até o momento de se tornar visão, é para mim o 'não domesticável', o 'não simbolizável' presente nas intenções do texto, na expressão da autora, na minha permanente tensão de viajante que ascolta os parágrafos, as notas, as citações, as marcas de uma pulsão que propõe a prática da mistagogia, enquanto arte de ajudar os outros a descobrirem os "caminhos insondáveis e sempre originais da experiência de Deus".

Esse mistério, do qual quero sempre fugir, pura presença, corajosa entrega ao presente, gratuidade, liberdade, plenitude, está, paradoxal e literalmente, na minha mesa de trabalho. Mesa de trabalho que é mesa de existência, *diria* Bachelard, "existência em tensão para um adiante, um mais adiante, um acima". Nessa mesa de trabalho, a mão feliz e artesã, que só pensa sendo ativa na palavra, com ela e contra ela, criou certa leitura do texto e, nesta criação,

exercitou dois registros permanentes do processo de humanização e de acolhimento do divino: o esforço constante e a abertura para a surpresa. Nessa perspectiva, O segredo feminino do mistério se tornou, em minha apreciação, o mistério feminino do segredo. Segredo tão desejado e anunciado por Maria Clara. Não sei se tão desejado, mas com certeza ainda não conquistado por mim. Como alcançar, num instante de condensação, dois sentimentos tão contraditórios: o horror do mistério e o seu próprio êxtase?

De qualquer forma, o delicioso jogo da leitura é acrescentar-lhe algo, algo que está ligado a nossa própria vida e que transborda em palavras escritas, escritas para tudo dizer, para nada dizer, para melhor dizer. O resultado desse transbordamento é grande, não necessariamente pelo que produz, mas talvez pelo que encontra. Encontrei Maria Clara eleita pelo mistério e, nessa eleição, anunciando jubilosamente a solidariedade do destino humano com a transcendência.

No centro dessa solidariedade estão o homem e seus sofrimentos que podem ser mitigados pela fraternidade de todos nós, seres ouvintes e relacionais. A fraternidade é o desafio maior do nosso processo de humanização. É ela que resgata o mundo como provocação concreta e resistência a exigir a intervenção ativa dos sujeitos, na luta contra a própria alienação e a do seu próximo.

A militância fraterna, no entanto, particularmente no caso da mulher, da mulher Maria Clara, não negligenciou o contato visceral com a estética da escrita. Nela, o feminino transformou-se no poder da linguagem que atacou e feriu a linguagem do poder no campo teológico. Aí reside uma das dimensões do mistério do segredo feminino: a inescapável experiência da solidão criadora, da inteligência e da sensibilidade que se lançam para o desconhecido. Na pedagogia do mistério, entendida como aventura espiritual, sou ainda aprendiz. Nesse sentido, pelas mãos de Maria Clara, acolhi a palavra semi-oculta do segredo com reverência e prazer.

CLARICE NUNES ■

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BACHELARD, Gaston. O direito de sonhar. SP, Difel, 1985.
- BRANCO, Lucia Castello e BRANDÃO, Ruth Silviano. A mulher escrita. RJ, Casa Maria Editorial: LTC Ed., 1989.
- LOPES, Eliane Marta Teixeira. A sagrada missão pedagógica. BH, Faculdade de Educação da UFMG, tese apresentada ao Concurso de Professor Titular, 1991.